



VINTE E UM ANOS DE OPERAÇÕES “NINFA”

Gil Cordeiro Dias Ferreira

Narração do que foi a “Operação Conjunta Preliminar Rio Apa” (12.07 a 04.08.71), origem da série “Ninfa” de operações ribeirinhas combinadas, envolvendo o Brasil e o Paraguai.

Registra, também, de maneira sumária, o que ocorre atualmente, em termos desse tipo de operações, no Pantanal Matogrossense.

INTRODUÇÃO

No período de 12 de julho a 4 de agosto de 1971 — há precisamente vinte e um anos — realizava-se, ao longo do rio Paraguai, o primeiro “exercício fluvial” reunindo as Marinhas do Brasil e do Paraguai. Foi a “Operação Conjunta Preliminar Rio Apa”, que dava início à série NINFA, de Operações Ribeirinhas (OpRib), hoje realizadas bienalmente, nos anos pares, revezando-se o comando, agora combinado, entre os dois países. Por essa razão, o as-

sim chamado “exercício fluvial” é até hoje informalmente conhecido por “NINFA ZERO”.

Por ter tido a oportunidade de participar da operação, não posso me furtar à “celebração”, vinte e um anos depois, do que considero uma *maioridade ribeirinha*, tal o grau de sofisticação que as “NINFA” vêm atingindo.

O presente artigo tem por propósito, além de narrar o que foi aquela experiência pioneira, relatar, de maneira sumária, o que ocorre atual-

mente, em termos de OpRib, no Pantanal Matogrossense.

Além disso, admito não ter conseguido conter uma ponta de vaidade, por terem, os Fuzileiros do Pantanal e a Flotilha de Mato Grosso (FlotMT), precedido seus irmãos da Amazônia, na "largada" para a realização de adestramento sistemático de OpRib. Mas que essa construtiva emulação seja proveitosa para o aprestamento operativo de uns e outros, é o que espero.

PRELIMINARES

Até 1971, o contato da Marinha Brasileira (MB) com a Armada da República do Paraguai (ARP), embora já antigo, limitava-se fundamentalmente à ida de um navio à cidade de Assunção, para as comemorações da independência daquele país, no mês de maio. O GptFNLa¹ participava apenas com a guarda da Bandeira, em face da pouquíssima disponibilidade de espaço a bordo de quaisquer dos navios da FlotMT — o antigo *Paraguassu* (baixa em 1971), o Monitor *Parnaíba* ou o Navio-Tanque *Potengi* (os dois últimos ainda na ativa) são os mais antigos navios da MB em serviço, incorporados, respectivamente, em 1937 e 1938.

Em 1971, entendimentos entre os dois governos, acentuados pela inauguração, em junho daquele ano, da "Ponte da Amizade", sobre o Rio Apa, bem como pela preocupação mútua com o agravamento da atuação de

grupos guerrilheiros em toda a América do Sul (Tupamaros, Montoneros, M-19/FARC, MR-8, ALN, VPR etc), conduziram à criação da série "NINFA".

A partir daí, a aproximação se acentuou. As viagens de representação, em maio, graças à incorporação do novo *Paraguassu* e do *Piraim*, passaram a contar com um contingente maior da MB.

Inicialmente, as "NINFA" eram anuais e antecipadas por uma "Pré-NINFA", ao regresso da viagem de representação. Considerações de ordem econômica, todavia, conduziram à programação bienal do exercício. Entretanto, o adestramento em OpRib, no Pantanal, não foi reduzido, pois nos anos ímpares, realiza-se pelo menos uma "RIBEIREX", com a participação de destacamentos variados da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) e da Esquadra (ForS/GRUMEC, ForAerNav),² logo após a viagem de representação, que ainda é anual.

Mas, voltemos à "NINFA-ZERO".

SITUAÇÃO, MISSÃO, ORGANIZAÇÃO

A situação política da época conduziu à visualização de uma atuação guerrilheira. O quadro delineado foi o de cerca de três grupos, cada qual variando de dez a vinte guerrilheiros, atuando na zona limítrofe Brasil/Paraguai (ao longo do rio Apa), tra-

1 Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário.

2 Força de Submarinos/Grupo de Mergulhadores de Combate, Força Aeronaval.

zendo insegurança à população, emboscando embarcações e cruzando freqüentemente a fronteira, de forma a escapar à ação repressiva das Forças Armadas (FA) de ambos os países.

O GptFNLa extraiu sua tarefa da Ordem de Operação (OOp) emitida pelo Comando Naval de Ladário (CNLa), que determinava a realização de "desembarques e assaltos". O texto final da missão foi: "Desembarcar em trechos previamente selecionados do território brasileiro, a fim de localizar, capturar, repelir ou eliminar possíveis grupos de guerrilheiros, assinalados ao longo das margens dos rios limdeiros entre o Brasil e o Paraguai; e realizar desembarques e assaltos previstos, a fim de efetuar incursões limitadas."

Para o cumprimento dessas missões, as forças do CNLa se organizaram em uma *Força Móvel Fluvial* (FT-65), sob o comando do capitão-de-corveta (CC) José Francisco do Prado Gondim, comandante da FlotMT.

O velho *Paraguassu*, que daria baixa poucos meses depois, e o Monitor *Parnaíba*, que se encontrava com problemas na máquina do leme, não participaram. O transporte foi provido por um navio mercante do Serviço de Navegação da Bacia do Prata (SNBP) — o *Guarapuava* — afinal adquirido pela MB e denominado, hoje, de *Paraguassu*.³

A força tarefa (FT) se compunha de três grupos-tarefa (GT):

- GT 65.1 (Grupo de Comando

3 Observe-se a redação do mesmo nome, antes com "ç" e agora com "ss".

e Serviços), constituído: pelo *Guarapuava* (comandado pelo CC Paulo Paulista Sampaio, tendo, como imediato, o capitão-tenente (CT) Jorge de Andrade Falcão); e pelo NT *Potengi*, sob o comando do CT Gustavo Bentmüller;

- GT 65.2 (Esquadrão de Assalto Fluvial — EAF), comandado pelo CT Carlos Rogério Bonorino Nobre, com quatro embarcações de desembarque de viaturas e pessoal (EDVP) e três lanchas-patrolha fluviais (LaPaFlu), recém-obtidas; e

- GT 65.3 (Grupo de Desembarque e Assalto — GDA), comandado pelo CC (FN) Nelson da Costa Rezende, comandante do GptFNLa, e contando com um PelFuzNav (Ref),⁴ liderado pelo autor deste artigo, então 1º Ten (FN).

Por dever de ofício, recordo outras autoridades que, embora não comparecendo ao exercício, dele participaram na fase de planejamento ou nas reuniões de crítica: contra-almirante (C Alte) Ivan Modesto de Almeida, então comandante naval de Ladário, já falecido; CT Ronaldo Schara, seu assistente; e capitão-de-fragata (CF) Luiz Philipe da Costa Fernandes, chefe do estado-maior (CEM) CNLa, dentre outros. O ComOpNav enviou dois observadores: CF Eduardo Russo e CC (FN) Roberto Miranda.

A Armada da República do Paraguai (ARP) compareceu com um "Buche de Desembarco de Utilitários" (BDU),⁵ duas LaPaFlu e um contin-

4 Pelotão de Fuzileiros Navais Reforçado.

5 Espécie de embarcação de desembarque de carga geral — EDCG, de maior capacidade que as brasileiras.

gente de cerca de cem IM (*infantes de Marinha*), que receberam muitos equipamentos nossos — particularmente de comunicações — por empréstimo. Dentre seus oficiais, recordo-me do capitão-de-navio Tomas Galeano, comandante da força; do CC Carlos Royg, seu chefe do Estado-Maior; e do Ten Andres Legal, comandante da tropa.

Se o "BDU" paraguaio era bastante rudimentar e operacionalmente inferior aos navios brasileiros, as LaPaFlu, inversamente, eram bem melhores. A propulsão era provida por dois motores centrais, GM diesel, que lhes permitiam atingir até quase 50 km/hora, contra os cerca de 22 alcançados pelas brasileiras, impulsionadas por motores de popa Volvo-Penta, de rabeta curta. E mais, nosso armamento consistia em duas metralhadoras *Browning*, 7,62mm (.30), enquanto as paraguaias eram de calibre 12,7mm (.50), sobre reparos que permitiam melhores ângulos de tiro, inclusive antiaéreo. Por fim, os equipamentos de comunicações das lanchas paraguaias eram bem superiores aos das nossas.

Recordo ainda que, por determinações superiores, emanadas de entendimentos diplomáticos, cada força só poderia desembarcar tropas no território de seu próprio país. Todavia, trocaram-se observadores desarmados, o que foi bastante proveitoso para ambos os países.

CONCEBENDO UMA DOCTRINA

O leitor já terá observado, pela denominação dos GT que compunham

a FT-65, o quanto éramos carentes (e talvez ainda o sejamos) de manuais de OpRib, de experiência, de uma terminologia comum, de uma doutrina, enfim. À falta de tudo isso, partiu-se para a "criatividade". Assim é que o Anexo "D" à OOp da FlotMT ("Organização das Operações Fluviais") trazia uma série de conceitos, enfeixados sob a denominação geral de "Doutrina Estabelecida", tais como: *Operação Fluvial* (visaria à negação do uso do sistema hidroviário ao inimigo); *Operação em rio* (não incluía ações terrestres); *Força Móvel Fluvial* (atualmente, Força-Tarefa Ribeirinha — ForTaRib); e os já mencionados *Esquadrão de Assalto Fluvial* (embarcações destinadas a apoiar o cumprimento de várias tarefas, entre as quais a de desembarcar a tropa) e *Grupo de Desembarque e Assalto* (tropa embarcada na Força Móvel Fluvial).

Alguns anos depois, criou-se a URB — unidade de reconhecimento e busca. Essa unidade-tarefa (UT) consistia em um conjunto de embarcações e tropa que se deslocava à frente da ForTaRib, para localizar o inimigo e, se dentro de suas possibilidades, destruí-lo ou repeli-lo.

Atualmente, ainda não dispomos de manuais mais completos para a execução da OpRib, particularmente em nível tático, ou seja, para emprego a partir do escalão companhia de fuzileiros navais (CiaFuzNav). Algumas tentativas já foram feitas, pela constituição de GT,⁶ na Amazônia e no Pan-

⁶ Grupo de Trabalho.

tanal, incumbidos de elaborar publicações nesse sentido.

Mas as experiências colhidas nos exercícios realizados, nesses dois decênios, por forças do 4.º e do 6.º Distritos Navais (DN), com a participação da FFE, da Esquadra, do Exército Brasileiro (EB) e da Força Aérea Brasileira (FAB), têm fomentado o desenvolvimento de uma doutrina. Além do constante da Doutrina Básica da Marinha e do tradicional manual norteamericano *Riverine Operations*, outras fontes, principalmente da ESG, do EMFA e do CIASC,⁷ podem e devem ser consultadas, para realização de OpRib.

Os relatórios dos GT conduzidos no 4.º e no 6.º DN também são excelentes subsídios para os planejadores de OpRib. Mas creio que tal bibliografia, tão farta e variada, poderia ser condensada em manuais do ComOpNav, específicos para a Amazônia e o Pantanal, o que, em meu entender, contribuiria para a consolidação doutrinária e a unificação da linguagem, além de facilitar bastante o trabalho das forças brasileiras empenhadas nesses exercícios.

Fica a sugestão.

EXECUÇÃO

A FlotMT criou cinco conjuntos de "dispositivos táticos": "defesa", "ataque", "deslocamento de forças", "estacionamento de forças" e "manobras conjuntas com a FT para-

guaia". Cada um deles era subdividido em três ou quatro "situações", conforme, por exemplo: o dispositivo do inimigo ("defesa"); o número de locais de desembarque da tropa ("ataque"); as possibilidades de contato com o inimigo ("deslocamento"); o tipo de manobra — fundeio ou atracação ("estacionamento"); e as várias formaturas possíveis, com os navios paraguaios.

Cada dispositivo recebia uma *demoninação* (alfabeto fonético internacional, nomes de peixes ou estrelas), um *conceito de emprego* e uma *descrição* pormenorizada (navios ou embarcações empregados, movimentos a serem executados, distâncias, velocidades etc.), acompanhada de gráficos.

No que diz respeito à tropa, tudo começou com um inusitado processo de obtenção de meios, simultaneamente a um árduo adestramento.

Aquela época, o GptFNLa ainda era estruturado como companhia, sem dispor de EM.⁸ O armamento era o fuzil FS e, os equipamentos de comunicações, nada menos que os antigos AN-GRC/9 e AN-PRC-10.

O comandante do GptFNLa, bastante entusiasmado, conseguiu sensibilizar várias autoridades navais para a necessidade de sua tropa se apresentar muito bem naquele primeiro exercício internacional. E assim conseguiu, parte por empréstimo, parte em caráter definitivo, vários equipamentos, como o FAL, bússolas, mosquetões de montanhismo, cabos de nylon, coturnos de selva, transeptores mais mo-

⁷ Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo.

⁸ Estado-Maior.

ternos, material de demolição etc.

A tropa foi organizada em um PelFuzNav (Ref). Os GC,⁹ entretanto, não eram constituídos exclusivamente por infantes, já que o emprego em OpRib difere bastante da atuação tradicional da Infantaria — outras habilidades são necessárias, para o combate no Pantanal. Assim é que aquela fração contava com praças de Comunicações, Engenharia, Artilharia, Saúde e até Artífices. Duas características, entretanto, eram comuns a todas — o acentuado vigor físico e a habilidade para se deslocar, combater e sobreviver naquele agressivo terreno.

O adestramento foi longo, variado e intensivo. Contou-se, inclusive, com a presença de uma praça cursada em guerra na selva, cujos conhecimentos foram de intensa valia.

Um fato curioso foi a coincidência da presença, em Corumbá, de um técnico do Instituto Butantã, que ministrava instrução de ofidismo, por solicitação do Sindicato Rural, para vários fazendeiros. Esse técnico conduzia para a cidade várias cobras, acondicionadas em caixas especiais, mas identificadas como "soro anti-ofídico". Todavia, em cidades pequenas tudo se sabe. Após os cursos — um dos quais para o pelotão que atuaria no exercício — nem a ferrovia nem as empresas aéreas aceitaram levar de volta o "soro". A "fama" das cascavéis e corais do Butantã já atingira toda a cidade. Conclusão: retornaram ao GptFNLa, que as doou ao Hospital Naval de Ladário (HNL), onde até hoje

se encontram, conservadas em formol.

O PelFuzNav (Ref) foi denominado de "PELOTAR", à semelhança da sigla usada pelo EB para designar alguns pelotões seus, empregados em Operações Especiais, que tinham, como principal característica, estarem sempre prontos a serem transportados por aeronaves — até hoje o melhor meio de deslocamento no centro-oeste.

Esse "PELOTAR", adestrado em combate de selva, montanhismo, armadilhas, caça e pesca, navegação terrestre, patrulhas, natação utilitária, demolições etc, realizou numerosos desembarques, vasculhamentos de áreas, transposições de cursos d'água (ver Fig. nº 1) e até uma ação real: a abordagem, de surpresa, de uma aeronave civil, estacionada em pista clandestina e suspeita de estar participando de ações ilegais. Mas essa é uma outra história...

E assim, empiricamente, mas com muita "garra", tanto dos fuzileiros quanto dos marinheiros, nasceu a série de Operações "NINFA" — a deidade das águas doces — que atinge, em 1992, a idade adulta.

A MAIORIDADE RIBEIRINHA

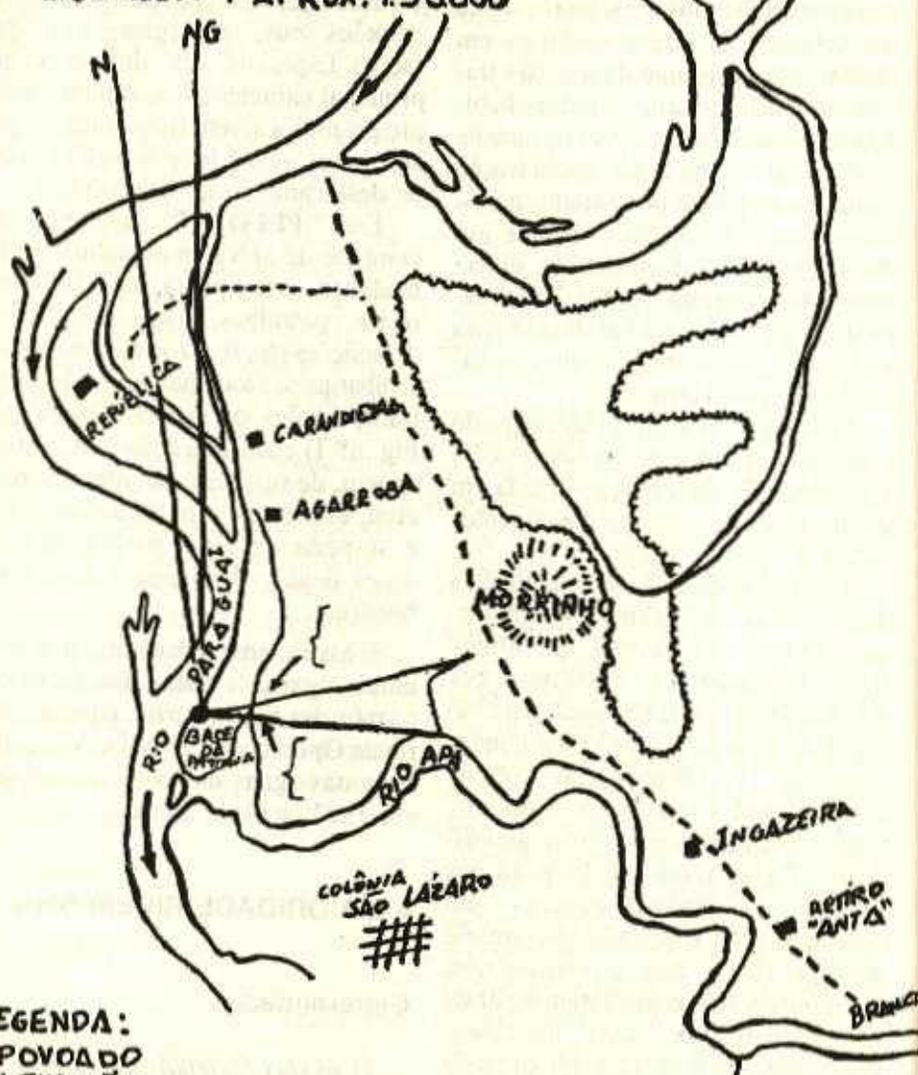
Generalidades

O *modus faciendi* das OpRib, no Pantanal, tem variado bastante, o que é natural, considerando-se uma doutrina em desenvolvimento. Assim, seria arriscado afirmar, agora, que as operações "são feitas atualmente desta

⁹ Grupos de Combate.

CROQUIS DE VASCULHAMENTO

1. PROCESSO: VASCULHAMENTO EM TRIÂNGULO
2. ESCALA: APROX. 1:50.000



3. LEGENDA:

- POVOADO
- ☀ ELEVACÃO
- MATO
- ## VILA C/ APROX. 3000 HAB.
- - - CAMINHO CARROÇÁVEL

ou daquela forma". Algo pode e deve ter mudado, desde que deixei a região, ao início de 1989. Afinal, muitos têm sido os estudos e seminários sobre OpRib, realizados, principalmente, no âmbito do Comando de Operações Navais (ComOpNav) e da Escola de Guerra Naval (EGN).

Gostaria de registrar uma das maneiras como conduzimos, em 1987, não a "NINFA", mas uma "RIBEIREX". Pareceu-me a melhor das experiências. Vamos lá.

Organização

Tudo teve início com uma Carta de Instrução do Com 6º DN, calcada no Plano Geral de Adestramento do Comando de Operações Navais (PGACON). Em decorrência, elaboraram-se três grandes "sistemas":

- a **Força-Tarefa Ribeirinha** (ForTaRib), comandada pelo ComFlotMT e contando com um EM combinado (FlotMT, GptFNLa, ForAerNav). Essa Força também poderia ser comandada pelo ComGptFNLa, como ocorre na Operação "Alagados", outro dos vários exercícios realizados na região;

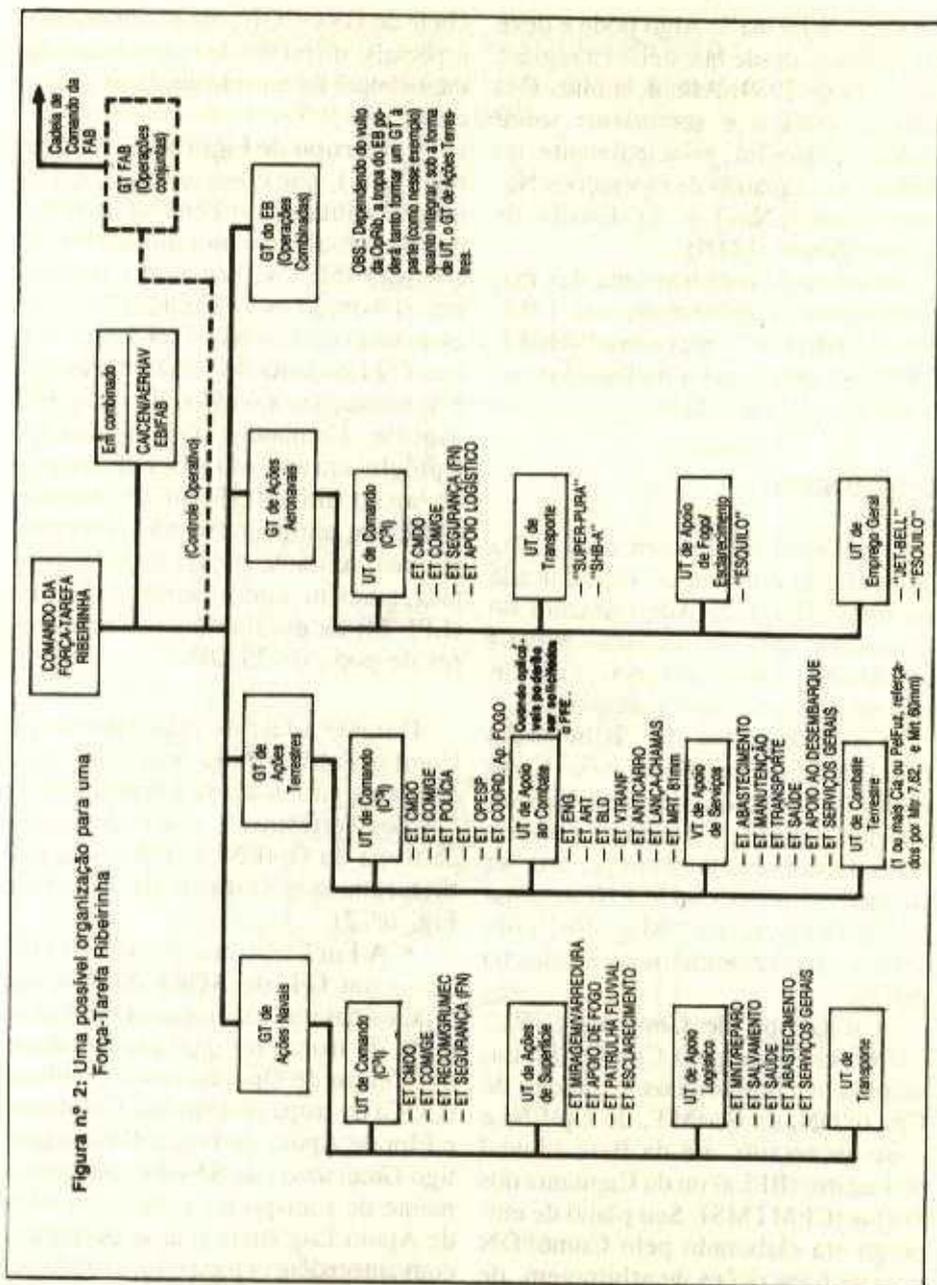
- o **Grupo de Controle** (GRUCON), chefiado pelo ComGptFNLa, mobiliado com oficiais e praças do Com6ºDN, da FlotMT, do GptFNLa e, se necessário, até da Base Fluvial de Ladário (BFLa) ou da Capitania dos Portos (CPMTMS). Seu plano de emprego era elaborado pelo Com6ºDN e trazia prescrições de arbitragem, de segurança e de controle da ação planejada. É interessante ressaltar que o

chefe do GRUCON, em circunstâncias especiais, dispunha de autoridade para interromper ou mesmo encerrar o exercício; e

- o **Grupo de Figurativo Inimigo** (GpFigIni), que consistia em cerca de quinze militares do GptFNLa, reforçados por alguns mergulhadores de combate (MEC). Seu plano também era elaborado pelo Com6ºDN, com assessoria do ComGptFNLa e do oficial FN lotado na Seção de Operações e Informações (SecOpeInfo) do EM daquele Comando. Geralmente, o GpFigIni era apoiado pela embarcação de apoio fluvial (EApFlu) *Antonio João*, um antigo rebocador existente na área, bastante remodelado. E contava, também, com algumas *voadeiras* (LPF-6); de duralumínio, com motores de popa de 25 HP.

Durante a fase de planejamento, o ComForTaRib emitia uma OOp que, dentre os vários anexos, trazia um de "Ações Terrestres", alusivo à atuação da tropa do GptFNLa, reforçada por destacamentos variados da FFE (ver Fig. nº 2).

- A ForTaRib era organizada em:
 - um **GT de Ações Navais**, ou seja, os navios: *Paraguassu*, de transporte de tropa, no qual era instalado um Centro de Operações de Combate (COC) da tropa; *Parnaíba*, Capitânea e Elm de Apoio de Fogo; *Piraim* (antigo *Guaicurus*, do SNBP), exclusivamente de transporte; e *Potengi*, Alm de Apoio Logístico, que se deslocava com antecedência para o local onde seria montada uma "Base de Operações Aérea" (BOA), já que nenhum daque-



les navios dispõe, até hoje, de convés de vôo;

— um **GT de Ações Terrestres**, geralmente organizado em: uma UT de comando e comunicações; uma unidade tática (UT) de combate terrestre; uma UT de apoio ao combate; e uma UT de apoio de serviços ao combate. Essas UT contavam, além da tropa do GptFNL, com elementos de Operações Especiais, reconhecimento terrestre e anfíbio, comunicações e Infantaria, provenientes da FFE; e

— um **GT de Ações Aeronavais**, com helicópteros (*Esquilo*, *Super-Puma* e, por vezes, até mesmo o *SH-3A*) da ForAerNav.

Embora não tenha ocorrido em 1987, contava-se, em algumas operações, com a presença do EB, seja constituindo um GT à parte, seja integrando o GT de ações terrestres. Mas, a fim de evitar certos "conflitos" do passado, sua zona-de-ação era afastada da dos fuzileiros e o "inimigo" que enfrentava era figurado com seus próprios soldados.

Execução

Ao contrário do que se possa imaginar, não é comum, no Pantanal, realizarem-se "assaltos ribeirinhos". A ameaça que se visualiza na região é do tipo "irregular". Por conseguinte, as possibilidades consideradas em relação a ela são muito mais de "atuar" do que de "atacar" ou "defender o terreno". Dentro dessa ordem de idéias, o que geralmente se faz é atribuir "zonas de responsabilidade tá-

tica" (ZRT) para frações ou subunidades, que vasculham essas áreas, buscando bases de guerrilheiros.

O desembarque geralmente ocorre em regiões onde não é esperada reação. A seguir, a tropa se desloca até uma "área de reunião clandestina" (ARC), de onde se pode partir para um ataque coordenado, pressionando o inimigo — se a situação assim o determinar — com ações do tipo "martelo e bigorna"; ou se podem estabelecer "bases de combate terrestre" (BCT), para o nível CiaFuzNav e/ou "bases de patrulhas" (nível PelFuzNav).

Os navios, fundeados, compõem uma "base de combate flutuante" (BCF). Os MEC procuram atacá-la, e geralmente o conseguem, com sucesso, graças a seu elevado nível de adestramento, como também porque, se os navios fossem adotar as medidas verdadeiramente adequadas para repeli-los (emissão sonar, movimento das hélices, redes) os resultados seriam fatídicos...

A participação da FFE e da Esquadra

Os helicópteros são fundamentais para as OpRib, sob quaisquer ângulos em que se visualize seu emprego. Uma das ações mais interessantes e proveitosas foi a que realizamos em 1988, nas proximidades de Porto Murinho, quando toda a tropa, sob orientação de instrutores da CiaReconTer, foi adestrada em *rappel*, *pick-up*, *deix-up*, desembarque "hoverando" e outras "interações" homem-aeronave.

Os elementos de Infantaria da FFE

dobram o poder de combate do GptFNLa; a CiaReconAnf provê orientação final para pouso de helicópteros, e, junto com a CiaReconTer, realiza ações específicas, como seus nomes indicam, de reconhecimento; a Cia-OpEsp geralmente é empregada em ações de sabotagem das bases inimigas, ou de resgate, como ocorreu em 1987, quando se figurou uma situação em que os guerrilheiros se apoderavam do *Antonio João* (momentaneamente fora de situação) e faziam reféns (recordo-me de que demos ao GRU-MEC e à CiaOpEsp a oportunidade de se adestrarem na técnica de negociação com terroristas, via rádio) e a CiaCom, por fim, multiplica de maneira admirável as possibilidades dos meios de comunicações locais.

Principais vulnerabilidades

O ponto fraco das OpRib no Pantanal ainda são os navios. O *Paraguassu* e o *Piraim* são mercantes adaptados, sem qualquer rusticidade; o *Parnalba*, encouraçado, navega com dificuldade, pelas restrições de calado em época de seca e pelos problemas naturais, decorrentes de sua idade avançada; além disso, sua fumaça é avistada a quilômetros; e o *Potengi* é apenas um navio-tanque. Restam as *voadeiras*, com as quais foi formado, no GptFNLa, um "grupo de assalto ribeirinho", de grande mobilidade tática, mas bastante vulnerável a ataques das margens. Já as EDVP não parecem adequadas para OpRib, em minha opinião: lentas, difíceis de serem desencilhadas e oferecendo uma silhueta

grande, facilmente identificável, que as tornam presas fáceis de ataques das margens. Por fim, as LaPaFlu, a que me reportei, já não existem mais, o que é uma pena. Esse tipo de embarcação é de extrema utilidade em OpRib. Mas todo esse quadro deverá se modificar — para melhor — quando o 6ºDN receber um NPaFlu, dotado de convão (o que eliminará a instalação da "BOA") e de instalações para a tropa. Além disso, a ativação do destacamento aéreo embarcado (DAE) da FlotMT — que já dispõe de instalações no Complexo Naval de Ladário — proverá um "salto de qualidade" no aprestamento operativo das forças do 6ºDN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sendo este trabalho uma tese ou monografia, mas simples narrativa, prefiro não buscar conclusões, salvo quanto ao fato de que muito ainda se há de estudar e praticar, até que se possá esboçar uma doutrina de OpRib. Voltemo-nos, entretanto, para outro tema — a situação das Forças Armadas na atualidade.

A partir do término da "Guerra do Golfo", têm vindo a público intensos debates sobre a destinação das Forças Armadas; e neles não se pode deixar de entrever, como pano de fundo, dentre outros fatores, um certo questionamento sobre o *vulto* das FA e a insinuação de que seu melhor emprego seria na defesa das fronteiras e, nesse caso, as OpRib despontam como uma das ações militares de maior probabilidade de execução.

Não é meu propósito debater apro-

fundadamente esse tema, eis que o presente artigo tem conotação meramente histórica.

Mas, como oficial de estado-maior, não me posso furtar à realização de um *brain storming*, considerando o maior número possível de hipóteses, ao enfocar um específico tema militar. Assim, imagino que o destino nos possa impulsionar para ações de fronteira, em ambientes ribeirinhos. Se isso acontecer, a experiência de exercícios anteriores nos será fundamental. Como a trazida pela série "NINFA". *Historia magistra vitae!*

Rememorei, não sem uma certa nostalgia, a concepção e o "parteja-mento" das OpRib no Pantanal. Relatei sumariamente o que vi anos mais tarde e que, acredito, esteja ocorrendo hoje, no que tange ao adestramento das forças do 6º DN.

Quanto ao futuro um tanto nebuloso, aventado neste final, melhor será que nos preparemos para sua eventual chegada. Afinal, no dizer de Camilo Castelo Branco: "O tempo chega sempre; mas há casos em que não chega a tempo."



CMG (FN) GIL CORDEIRO DIAS FERREIRA — Guarda-Marinha de 1967, possui os cursos Básico, de Comando e Estado-Maior, Superior de Guerra Naval e de Política e Estratégia Marítima da Escola de Guerra Naval. Possui, ainda, o Curso de Estado-Maior da Real Marinha Britânica, além do Curso de Análise de Sistemas (DATAMEC) e o Ciclo de Estudos de Segurança e Desenvolvimento da ADESG. Entre várias funções de relevo exercidas, comandou o Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário. Atualmente, é o Chefe do Departamento de Estudo e Pesquisa do Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais.